



BARREIRAS ATITUDINAIS NO ENSINO SUPERIOR: RELATOS DE ALUNOS DO CURSO LETRAS/LIBRAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ CAMPUS CCSE/BELÉM

Autor: **Samya Pantoja Silva.**

Universidade do estado do Pará (samyapsilva2015@gmail.com)

Co-autor: **Elen Rayane de Souza Ramos.**

Universidade do estado do Pará (elen.ramos1408@gmail.com)

Resumo: Este trabalho visa analisar as vivências de alunos surdos dentro do curso de LETRAS/LIBRAS do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE/Belém) da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Com o objetivo de investigar quais são as barreiras e os desafios encontrados para a inclusão desses alunos dentro do ensino superior. Para tanto, fora realizado levantamento bibliográfico sobre as principais dificuldades dos surdos em ambientes educacionais, para em seguida realizar entrevistas semiestruturadas com os alunos surdos da universidade para identificarmos quais são os principais desafios atitudinais que eles encontram na estrutura da universidade, corpo acadêmico e vivência no ensino superior dentro da UEPA. Nosso referencial teórico teve com base Amaral (1998) com o conceito de Barreiras Atitudinais, Sá (1998) com a definição de identidade surda e Fonseca (2000) que aborda a entrada dos alunos surdos no Ensino Superior. Dessa forma, podemos entender como e o quanto caminha a inserção dos alunos surdos no ensino superior do curso de letras/libras da UEPA, além de transpor as barreiras atitudinais das suas vivências dentro da universidade, por fim chegando a conclusão sobre o que melhorou e o que ainda precisa ser melhorado dentro da UEPA e em como os alunos se sentem dentro da instituição e o que ainda se faz necessário para que os alunos surdos possam sentir-se totalmente inclusos dentro do ambiente escolar que frequentam, assim, possibilitando uma experiência acadêmica de forma a atender suas especificidades educacionais.

Palavras-Chave: Educação de surdos. Barreiras atitudinais. Inclusão. Ensino Superior

INTRODUÇÃO

Historicamente os sujeitos surdos estavam à margem da sociedade: rejeitados, isolados e “protegidos” em asilos, pois, sua “anomalia” não lhes possibilitava o convívio social e por consequência serem “salvos” ou educados. Somente no século XVIII, quando o abade francês Charles M. de L’pée, o primeiro a estudar uma língua sinalizada por surdos, pensou uma nova metodologia que, segundo Silva (2010 p. 19), “pregava que os professores deveriam aprender tais sinais para se comunicar com os surdos: eles aprendiam com os surdos e, a partir daí, ensinava a língua falada e escrita do grupo socialmente majoritário”. Em 1775, Charles M. de L’pée funda a primeira escola a usar “sinais metódicos” por alunos e professores.

Na Alemanha, nesse mesmo período, Samuel Heinicke estabelecia os princípios metodológicos do Oralismo – que se fundamentava no ensino da língua oral para surdos – pois, acreditava que o pensamento somente era possível pela língua oral, assim em 1778 fundou sua própria escola para deficientes auditivos. No entanto, não eram todos que poderiam ser educados, neste período, somente famílias nobres e influentes contratavam esses serviços pedagógicos, a fim de garantir os direitos dos filhos surdos.



Dentre essa nova abordagem se difundiu a Comunicação Total – prática de usar sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital para fornecer inputs linguísticos para estudantes surdos, para que possam expressar-se nas modalidades preferidas. Apesar de avançarmos na educação para a comunidade surda ainda nos encontramos no ambiente de ensino pautado em uma educação excludente que não consegue enxergá-lo com potencialidades. Assim, sua permanência no ambiente escolar limitava-se ainda as classes especiais, salas isoladas, onde se agregavam todos os alunos que possuem deficiências – ficavam assim estagnados em seu desenvolvimento sócio-cognitivo.

No Brasil, somente em 24 de abril de 2002 com a promulgação da lei Nº 10.436, em seu “Art. 1º a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão e outros recursos de expressão a ela associados”, a lei garante a difusão da LIBRAS nas diferentes esferas do poder público como “meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil”.

Após dez anos de lei que reconhece a LIBRAS como língua, segundo Holanda (2004) “é o sistema de signos que permite a comunicação entre os membros de uma comunidade” a língua ainda é confundida como linguagem (referente à comunicação). Para isso, a LIBRAS, segundo a legislação é entendida como forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Para Sá (1998), o surdo, carrega a identidade do grupo, da comunidade a qual pertence e argumenta com base em sua legitimidade enquanto membro de sua comunidade pela qual fala sem constrangimento (p. 179). Ou seja, é necessário respeitar as especificidades de cada agrupo e incluí-los no processo educativo, que é garantido por lei (Lei nº 9394/9) a permanência de crianças e jovens “deficientes” no ensino básico, no entanto não lhes é “adaptado” o ingresso ao ensino superior. Com isso, chegada ao ensino superior é considerada uma vitória como afirma Fonseca (2000), pois o não acesso a essa modalidade de ensino revela o despreparo para atender a demanda da educação inclusiva, com metodologias e avaliação adequada, que não se refere somente aos alunos com “deficiência”, mas para qualquer aluno.

Sendo assim, foram realizadas quatro perguntas pré-estruturadas a dois alunos surdos do segundo ano do curso de letras/libras do CCSE/UEPA (Belém), para uma atividade proposta pela professora Maria José ministrante da disciplina de Língua Brasileira de Sinais no quinto semestre do curso de pedagogia no ano de 2017. Está entrevista visava conhecer as barreiras atitudinais



enfrentadas diariamente por alunos surdos no CCSE/UEPA. Barreiras atitudinais segundo Amaral (1998 p.17), “São anteparos nas relações entre duas pessoas, onde uma tem predisposição desfavorável em relação à outra, por essa estar significativamente diferente, em especial quanto às condições preconizadas como ideias”, ou seja, são atitudes que estão fundadas em preconceitos, estereótipos ou no desconhecimento em como agir adequadamente com essa parcela da sociedade, que os conduzem a discriminação.

METODOLOGIA

Inicialmente houve a socialização do texto “identidade e cultura surda”, para identificar quais os principais entraves encontrados para a inclusão dos alunos surdos na sociedade. Depois, cada aluno do grupo elaborou uma pergunta para que pudéssemos entrevistar os alunos surdos da faculdade e saber se os mesmos problemas relatados no texto faziam parte da realidade desses alunos e quebrar alguns mitos que as pessoas criam a respeito da socialização com esses alunos. Os surdos não se incomodam quando o ouvinte busca a sua ajuda para treinar ou aprender Libras, pois eles acham importante que o ouvinte tenha esse interesse em aprender a língua deles, que peça ajuda e que queira interagir com ele também, entretanto, eles não acreditam que devem ir até o ouvinte e ensinar. O ouvinte deve vir e interagir, pois assim eles conseguem se comunicar.

Dentro do curso de Libras existe a “parte escrita”, a gramática em si, e nisso vem a dificuldade, pois dentro da sinalização não contamos com as preposições e os conectivos, porém eles entendem que tudo isso é um processo e que é preciso estudo, treinamento e dedicação. Uma das alunas também disse que procurar professores dentro da área de gramática para lhe ajudar a corrigir seu texto e organizá-lo dentro da Língua Portuguesa. Não é uma tarefa fácil ou rápida, mas os surdos querem aprender a escrever, pois faz parte da formação deles. Quando questionados a respeito dos professores e servidores da universidade estar aptos para atendê-los, os alunos surdos disseram que apesar de alguns terem fluência e conseguirem fazer a comunicação total ou que se usa de imagens para conseguir alcançá-los, porém, a maioria não sabe LIBRAS e, portanto, eles não conseguem compreender. Tudo isso pode se tornar mais simples se tiver o interprete, pois ele faria a sinalização para o professor, entretanto, os alunos surdos sentem falta de um professor que saiba a Libras, pois o curso deles é Letras-Libras. Alguns alunos também dizem que não tem problema se o professor não souber a Libras, eles respeitam e acham normal a parceria entre professor e interprete, nesse caso, eles dizem que essa parceria faz parte do processo de inclusão.



Uma das dificuldades encontrada pelos alunos surdos ao entrarem na universidade pública, é devido ao fato de já terem feito uma faculdade particular, onde eles admitem terem tido mais tranquilidade quantos aos estudos, mas que dentro da pública, eles têm de ter paciência, estudar e pedir ajuda do professor. É preciso calma, pois é um processo e futuramente eles também serão um profissional. Eles também vão ser professores, então é preciso se esforçar e ter paciência. Apesar das dificuldades, todos ali gostam de libras e querem aprender, sabem que há dificuldade e que não é apenas no curso deles, mas em todos os cursos, então basta que se esforcem para que alcancem seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, pode-se afirmar que ao longo dos anos, os alunos surdos passaram por um processo de exclusão que até hoje ainda não foi completamente extinguido, mas que se tornou uma realidade mais próxima. Eles ainda apresentam sérias dificuldades em expressar sentimentos e ideias e comunicar-se em contextos extraescolares, mas também entendem que tem de fazer sua parte para que consigam alcançar seus objetivos e que mesmo que nem tudo seja fácil, ele possuem persistência para dar continuidade a sua inclusão e à valorização da LIBRAS.

As experiências com educação bilíngue ainda são recentes; poucos países têm esse sistema implantado, também pela resistência de alguns que ainda defendem que a linguagem falada ainda deve ser priorizada diante da linguagem de sinais, porém aos poucos a educação bilíngue caminha e então podemos ver que realmente é o melhor método para o processo de ensino-aprendizagem dentro do curso de LETRAS-LIBRAS ou em qualquer educação inclusiva com surdos.

Em suma, a comunidade surda da Universidade do Estado do Pará, apesar das dificuldades encontradas, está satisfeita de ingressarem nessa instituição de ensino e querem prosseguir como seu curso. Eles possuem algumas dificuldades como a adaptação da parte escrita, pois a linguagem de sinais se difere da língua portuguesa por não possuir conectivos, mas estão cientes de que existem dificuldades em qualquer curso e em qualquer nova língua que se está aprendendo, portanto eles possuem determinação para dar continuidade aos estudos. Ainda há muito para se conseguir tanto para a inclusão quanto para o processo de ensino-aprendizagem na educação de alunos surdos, mas aos poucos podemos ver o progresso dentro da universidade.

Referências



AMARAL, Lígia Assumpção. **Sobre crocodilos e avestruzes:** Falando de diferenças físicas, preconceitos e sua Superação In: AQUINO, J. Diferenças e preconceitos na escola. SP: Samus, 1998.

BRASIL. Congresso Nacional. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei Federal 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. Congresso Nacional. **Língua Brasileira de Sinais:** Lei Federal 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União, 2002.

FERNANDES, E. **Problemas linguísticos e cognitivos dos surdos.** Rio de Janeiro. Agir, 1989.

GÓES, M.C.R. “**A produção de texto por sujeitos surdos:** Questões sobre a relação oralidade-escrita.” Anais do II Seminário Multidisciplinar de Alfabetização. São Paulo: PUC, 1992.

HOLANDA, A.B. **Novos Dicionários de Língua Portuguesa.** Curitiba: editora Positivo, 2004.

SÁ, N. R. L. **O discurso surdo:** a escuta dos sinais. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 167-192.

SILVA, Ângela Carrancho da. **O início da caminhada.** In NEMBI, Arnaldo Guimarães; SILVA, Ângela Carrancho da. **Ouvindo o silêncio:** surdez, linguagem e educação. Porto Alegre: editora mediterrâneo – 2ª edição – 2010.

NEMBI, Arnaldo Guimarães; SILVA, Ângela Carrancho da. **Ouvindo o silêncio:** surdez, linguagem e educação. Porto Alegre: editora mediterrâneo – 2ª edição – 2010.